

Sou carioca. Minhas referências identitárias de base são desse lugar: marcadas pelas escolhas familiares, pelo bairro que morei até sair do Rio de Janeiro, pelas pessoas com quem convivi. Mas moro em Porto Alegre há 11 anos. Esse passo foi decisivo para novas características serem agregadas a minha personalidade. O ato de migrar exige explorar ao máximo o novo espaço, buscar novas identificações. É um exercício constante. Formam-se novos laços afetivos, comportamentos adaptados ao bairro que reside a partir de então e convivências diferentes que são resultado das oportunidades que cruzam à nossa frente.

Posso garantir que, mesmo não conhecendo fisicamente, Nega Lú passou, nesse mosaico que é a minha vida, a ser um de seus fragmentos, uma tessela. Pesquisando para conceber a exposição *Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre* ela me apresentou a cidade. Para compreender algumas de suas identidades me peguei perguntando: - Marlise, não consigo entender, onde ficava o Escaler?; ou pesquisando no Google Maps a sede da Banda da Saldanha (que certamente, no próximo desfile, estarei presente). Com a Nega Lú percorri da Esquina Maldita ao baixo Bom Fim, descobri um pouco dos bastidores do balé clássico em Porto Alegre e a animação do carnaval gaúcho.

Assim, em nome da equipe de curadoria da exposição, agradeço a oportunidade que o nuances deu ao curso de Museologia e ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS de construir uma exposição tão desafiadora, que nos motiva a sair da ideia convencional de que a Museologia se limita a museus. A vida da Nega Lú se reflete em vários pontos da cidade e é na rua que vamos homenageá-la. Como uma conversa despretensiosa com a Nega Lú, vamos compartilhar suas memórias em diferentes

lugares, com enfoques distintos. Hoje, teremos como tema central a vida boêmia de Porto Alegre, marcada pelos bares dos anos 70 e 80 e que influenciou de forma decisiva posições políticas, ideologias e expressões artísticas de seus frequentadores. No dia 8 de outubro nos encontraremos no Bar Plano A, para conversar sobre as relações da Nega Lú com o bairro Menino Deus, manifestadas na religião e no carnaval, por exemplo. E no dia 15 de outubro estaremos no Bar Venezianos, na Cidade Baixa, para rememorarmos a Nega Lú na cena artística – onde atuou como bailarino, cantora e performer.

Importante destacar os desafios dessa exposição. Temos somente uma entrevista da Nega Lú cedida ao nuances, um documentário produzido pelo coletivo, um livro escrito por Paulo César Teixeira, pouquíssimos registros fotográficos e, por decorrência de ser exibida em espaços externos, não nos valem os objetos pessoais e acervos de caráter museológico. O que está em jogo nessa exposição é a memória que as pessoas construíram sobre a Nega Lú e Porto Alegre. Desejamos que as paredes dos bares, os bairros, os temas suscitados provoquem lembranças, vivências, experiências que tiveram nesses espaços. Despertem a imaginação.

Porto Alegre marcou a vida da Nega Lú e vice-versa. E, como uma boa anfitriã, ela me apresentou seu principal palco: a cidade. Essa exposição me fez sentir, a partir de então, uma cariúcha. Parabéns ao nuances por nos estimular a valorizar, especialmente, as pessoas que se tornam, nesse jogo simbólico, os principais patrimônios de Porto Alegre.